

Cultura de Tradição Oral em Imagem

*Rogério Moura
Henrique Dutra*

A pesquisa científica é um caminho de muitas escolhas. A contemporaneidade apresenta uma série de métodos, técnicas e elementos que auxiliam o pesquisador a descobrir as respostas para o problema que se coloca a sua frente. Entretanto, muitas vezes esses procedimentos científicos se mostram incipientes para abarcar as multiplicidades do objeto de estudo que a pesquisa em questão se propõe a desenvolver.

Em nossa trajetória de pesquisa sobre a tradição oral e suas implicações com a educação, realizamos um amplo banco audiovisual composto por fotografias e vídeos das práticas pedagógicas do Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô em Lençóis (BA) e do projeto Trilha Griô nas Terras do Boi Falô em Campinas (SP).

Debruçamo-nos sobre as imagens coletadas inúmeras vezes: catalogando, classificando, recortando... Pairavam em nossas cabeças questões sobre *“Como imprimir no papel, um saber que na sua essência se constitui na oralidade?”* ou *“Como aproximar o leitor de uma pesquisa tão vivencial, se certas coisas não cabem na escrita?”* Optamos por apresentar nos entremeios da tese algumas imagens que produzimos com a sobreposição das fotografias, desenhos, textos dos participantes do projeto, livros didáticos e por fim, fios, tecidos e linhas, que são signos da cultura de tradição oral, e também metáforas dos autores Ingold (2012) e Latour (1997, 2001). Esperávamos que as imagens pudessem levar o leitor para outros registros e sensações, aproximando-o mais do nosso objeto de estudo possibilitando um maior entendimento sobre as diferentes camadas que se desenham entre as esferas de educação e cultura de tradição oral.

A Pedagogia Griô foi criada por criada por Lilian Pacheco e Márcio Caíres a partir da experiência com crianças e adolescentes no Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô – BA. O personagem no qual o Ponto de Cultura se inspira é o *griot* africano, um contador de histórias, mestre da palavra. A figura desse griô relido, foi personificado por Márcio Caires, que assumiu o arquétipo do Velho Griô em caminhadas por entre as comunidades. O que o Velho Griô aprende é reelaborado nas oficinas com as crianças e adolescentes no Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô e formam a base das práticas da Pedagogia Griô, através dos rituais de vínculo e aprendizagem:

O ritual de vínculo e aprendizagem integra cantigas, danças, símbolos, versos, mitos, heróis, arquétipos, saberes, artes, provérbios, ofícios e ciências da vida de tradição oral da comunidade e de seu grupo étnico cultural numa rede de palavras e temas geradores. (PACHECO, 2006, p. 92)

Na cidade de Campinas, foi realizado o projeto “Trilha Griô Nas Terras do Boi Falô” com a EMEF Maria Pavanatti Favaro localizada no Bairro Jardim São Cristóvão. A trilha foi uma parceria com o Ponto de Cultura NINA, os grupos Urucungos, Puítas e Quijengues, Capoeira Angola Menino Crispim Levado e Ponto de Cultura Jongu Dito Ribeiro.

A trilha passou por patrimônios materiais e imateriais da cidade de Campinas, tendo como tema gerador a principal história do município: o Boi Falô. Contada por Mestres e Mestras da Tradição Oral da cidade, o roteiro passa por duas fazendas históricas (Santa Genebra e Roseira). Também são visitados o marco onde o boi teria falado em Barão Geraldo e o Cemitério da Saudade, onde está enterrado o escravizado Toninho, herói da história que escutou o boi falar.

Depois da trilha, os alunos do 5º ano confeccionaram seu próprio jogo em um processo facilitado pela Professora de Artes Cíntia Birocchi em parceria com as professoras de História e Português, uma vez que a trilha propõe uma transversalidade de saberes, desdobrando-se em conteúdos para mais de uma disciplina do currículo.

Para além dos aspectos educacionais, a importância da trilha concerne ao reconhecimento social e no fortalecimento das redes e nos

vínculos dos griôs, aprendizes e grupos de cultura oral: patrimônios vivos da cultura brasileira e zeladores do patrimônio imaterial da cidade de Campinas e da identidade do Brasil.

Sobre os autores:

Rogério Moura: Graduação em Artes Cênicas–UFBA (1999), Mestrado em Artes ECA-USP (2001), Doutorado em Educação FE-USP (2006). Professor Doutor na Faculdade de Educação da UNICAMP onde é coordenador de Ensino de Graduação e orienta pesquisa de mestrado e doutorado. Tem diversas publicações nos temas de juventude, arte, corpo e formação de professores. Atualmente é membro do OLHO - Laboratório de Estudos Audio-Visuais (UNICAMP).

Henrique Dutra: Graduado em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Ouro Preto–UFOP (2010) e Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP (2015). É ator, pesquisador e contador de histórias no Coletivo Onírico de Teatro em Campinas e professor na Univida - Faculdade Dr Carlindo Dantas no Curso de Pós Graduação em Literatura com ênfase em Contação de Histórias no Campus Vinhedo.

Referências:

FLICK, Uwe. Qualidade na pesquisa qualitativa. Coleção Pesquisa Qualitativa. Porto Alegre: Bookman, Artmed, 2009.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. Horizontes Antropológicos, 2012.

LATOUR, Bruno, WOOLGAR, Steve. A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 1997.

_____. A Esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. São Paulo: EDUSC, 2001.

PACHECO, Líllian M. O. Pedagogia Griô: a reinvenção da roda da vida. Lençóis: Grãos de Luz e Griô, 2006.